



Margarete Steiff— a mãe do *Teddy Bear*

J. D. RATCLIFF

Há quase um século, as crianças do mundo inteiro têm se deliciado com suas criações, entre as quais a que se tornaria o mais querido de todos os brinquedos: o ursinho de pelúcia

UMA SENHORA gordinha, com olhos muito vivos, boca grande, sorriso franco e cabelos lisos e longos, movia-se em sua cadeira-de-rodas por entre as alamedas de uma aldeia de cabanas de madeira, como as de um cartão de Natal. Crianças corriam ao seu lado, acompanhando-a entre os patos e gansos soltos pelas ruas.

«Conte-nos uma história, Tia Margarete», diziam uns. «Faça-nos um brinquedo», pediam outros.

A cadeira parou sob a sombra de uma árvore. Com o rosto inundado

de felicidade e expectativa, as crianças a cercaram. A cena se passava em 1885 na cidade de Giengen-sobre-o-Brenz, no sul da Alemanha. Tia Margarete era Margarete Steiff. Nascida de uma família de classe-média, em 1847, e atacada pela poliomielite aos dois anos de idade, estava destinada a ganhar um cantinho no coração de todas as crianças, ao criar o mais amado de todos os brinquedos: aquele ursinho de pelúcia, conhecido universalmente como *Teddy Bear*.

Como não podia ter filhos, Tia Margarete adotou todas as crianças



do mundo como suas, e arranjou para elas um imenso «jardim zoológico» de animais empalhados – tigres sorridentes, pacíficos leõezinhos, bichanos sonolentos e adoráveis elefantes. Para seus vizinhos, criou centenas de empregos, e, para seu país, a Alemanha, uma de suas mais importantes indústrias de brinquedos.

Inválida, em sua cadeira, Margarete Steiff logo descobriu que suas oportunidades de emprego eram praticamente nulas. Teve de se contentar com a única chance que lhe deram – costurar. Assim, abriu um pequeno ateliê no andar térreo da casa onde morava, na Lederstrasse. A lojinha ia razoavelmente bem; pelo menos, lhe propiciava alguns proveitos e lhe deixava tempo de sobra para descansar, entre as encomendas de anáguas, casacos de crianças ou toalhas de mesa. As crianças não saíam de lá, pois sabiam que a jovem costureira contava histórias como ninguém.

Quase todas essas histórias eram sobre animais, e as crianças lhe imploravam para vê-los. Um dia, em 1880, Tia Margarete as satisfez. Terminado o trabalho daquela tarde, tinham sobrado algumas tiras de feltro branco. Cortou-as na forma de um elefante de olhos alegres e brilhantes, e recheou-o com alguns retalhos. Depois, costurou-lhe uma sela azul. As crianças se encantaram com o brinquedo – possivelmente o primeiro do gênero em todo o mundo. (A história universal dos brinquedos não é muito precisa a respeito desses detalhes.)

Começaram a lhe pedir mais. Logo Margarete estava usando todo o tempo livre para fazer brinquedos. Será que as crianças das outras cidades também gostariam deles?, ela se perguntava. Fritz, seu irmão, encheu um saco com eles e dirigiu-se a uma feira numa cidade vizinha. Antes que o dia terminasse, tinha vendido tudo.

Quando os pedidos aumentaram e passaram a vir de outras cidades, logo surgiu uma nova indústria. Várias costureiras tiveram de ser contratadas, e Margarete dava suas ordens, no topo de uma grande mesa de trabalho. Em 1886, o pequeno ateliê estava

produzindo não apenas cinco mil elefantinhos por ano, mas ainda vários outros bichos de feltro — macacos, burricos, cavalos, porquinhos e camelos. Margarete sentiu-se em condições de se mudar para aposentos maiores em outra rua, chamada Mühlstrasse, a qual, em 1947, no 100.º aniversário do nascimento de Margarete, passou a se chamar Rua Margarete Steiff.

Sempre preocupada com a saúde dos outros, Tia Margarete, como era conhecida pelas crianças, nunca se queixou uma só vez sobre sua própria enfermidade. Tinha sempre um brinquedo quando o filho de algum empregado ficava doente. Todas as primaveras oferecia um piquenique às crianças da cidade, e, a cada Natal, montava uma grande árvore em sua loja, sob a qual havia montanhas de presentes, que eram distribuídos às crianças.

O encanto universal dos bichinhos de Margarete Steiff ficou demonstrado por um crescente fluxo de encomendas do estrangeiro. Em 1893, já dispunha de tantos animais diferentes que pôde mandar imprimir seu primeiro catálogo. Nesse mesmo ano, um *stand* de suas criações figurou na grande feira de Leipzig.

Mais uma vez, as encomendas superaram a capacidade de produção da oficina. Margarete teve de começar a dividir o trabalho e a entregá-lo a costureiras domésticas. Percorrendo a cidade em sua cadeira-de-rodas, supervisionava todas as fases da produção, tais como compra de materiais, manufatura e vendas, mas nem isso era suficiente. O que ela precisava era de uma verdadeira fábrica, em edifício próprio. Este foi construído em 1903 e ainda funciona. É um prédio bem moderno, quase todo envidraçado.

O ano de 1903 foi notável sob outro aspecto. Na indústria de brinquedos, havia sempre falta de novidades. Nesse ano, seu sobrinho Richard, o qual tinha passado a trabalhar na fábrica de Margarete com seus quatro irmãos, mostrou-lhe alguns desenhos que tinha feito quando visitara o jardim zoológico de Stuttgart. Interessariam à Tia Margarete?



Ela começou a criar um novo animal, feito de pelúcia marrom, em vez de feltro. Decidiu que as «pernas», os «braços» e a cabeça deveriam ser móveis—o que, na época, era uma inovação. O animal completo tinha olhos pretos, que pareciam dois botões, além de um focinho longo e pontudo. Ninguém deu muita importância ao brinquedo, nem se preocupou em arranjar-lhe um nome. Era simplesmente um urso.

O ursinho começou mal. Os sobrinhos de Margarete não o levaram na devida conta para expô-lo na feira de Leipzig. Assim, ele foi atirado a uma gaveta, correndo o risco de morrer no anonimato antes que as crianças dessem seu veredicto.

A feira estava no último dia, quando um comprador norte-americano perguntou aos sobrinhos Steiff se não teriam algo novo e diferente. Sem muita convicção, tiraram o ursinho do esconderijo. «Fico com três mil», disse o comprador.

No entanto ainda faltava muito para que o ursinho viesse a conquistar o seu lugar nos corações das crianças. As vendas foram modestas nos primeiros três anos, mas, em 1906, o Presidente dos Estados Unidos, Theodore (Teddy) Roosevelt, deu uma festa na Casa Branca. Um dos garçons se esforçava por arranjar uma idéia para a decoração da mesa. Num loja de brinquedos, viu o ursinho. Como o presidente gostava de caçar ursos, o problema ficou resolvido.

Na festa, um dos presentes se virou para o presidente e disse: «Não estou reconhecendo esta espécie de urso.»

Outro convidado fingiu surpresa. «O quê? Como não reconhece? Este é o Teddy Bear.»* Três anos depois, o ursinho, finalmente, tinha nome—um nome que se tornaria comum em quase todos os países do mundo.

Vultosas encomendas de Teddy Bears começaram a chegar à pequena fábrica. Quantidades astronômicas (pelo menos para os padrões de Giengen) eram pedidas. Em 1907, foram feitos mais de um milhão de ursinhos. Giengen tornou-se a pátria do Teddy Bear—reconhecida depois até pelos correios, que passaram a carimbar os selos com a figura do ursinho.

Como os direitos sobre o Teddy Bear não foram reservados, nada se podia fazer para impedir que outros o produzissem. Daí, ele se tornou uma exigência da garotada, o companheiro fiel e adorado das crianças de quase todos os países.

Margarete Steiff morreu em 1909, feliz porque tinha inventado o brinquedo mais desejado. Se ainda fosse viva, ficaria impressionada pela gigantesca indústria que brotou do seu primeiro elefantinho de feltro.

De todos eles, foi mesmo o Teddy Bear (em sete cores e 19 tamanhos, cujas vendas superam o quarto de milhão de unidades por ano) que provou ser o maior e mais durável sucesso na história dos brinquedos.

* *Bear* significa «urso». Embora não haja dúvida de que o Teddy Bear ganhou esse nome devido ao Presidente Teddy Roosevelt, outras pessoas, entre as quais um humorista e um fabricante de brinquedos, ambos norte-americanos, reclamam para si a prioridade do batismo.